



## **Outras maneiras de habitar a terra: como uma horta agroecológica opera e impacta na vida da comunidade de alunos e colaboradores de uma instituição educacional de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**

GALARCA, Alícia Ganzo<sup>1</sup>; LIVRAMENTO, Andreza<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Horticultora do Programa Educação para Sustentabilidade na Aldeia da Fraternidade; Estudante de Agroecologia no IFRS - Viamão, a.ganzo.g@gmail.com; <sup>2</sup> Coordenadora do Programa Educação para Sustentabilidade na Aldeia da Fraternidade, andrezaalbio@gmail.com

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Agricultura Urbana**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência: Agricultura urbana, a Aldeia da Fraternidade e o Programa Educação para Sustentabilidade**

A cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande Sul, está em efervescência no tema da agricultura urbana, hortas comunitárias, periféricas, hortas ligadas às cozinhas solidárias, ao SUS, às escolas públicas e privadas. De acordo com o boletim da FAUPOA (Fórum de Agricultura Urbana e Periurbana de Porto Alegre), já éramos cerca de 40 hortas cadastradas no fórum em 2022. A volta da fome, mas também a emergência de discutir novos horizontes frente às crises climáticas, despertam a necessidade de ampliarmos o debate sobre agroecologia nas cidades para além da força política do consumo, mas também para o fortalecimento interno de nossas comunidades. Isto é, estamos enfrentados com a necessidade de englobarmos nossas comunidades em atividades de formação educativa e caminharmos juntos para vivenciar outras maneiras de habitar a terra. Nesse sentido, a experiência que apresentamos neste relato é o da Horta Agroecológica da Aldeia da Fraternidade, horta do programa “Educação para Sustentabilidade” que acontece em uma instituição que atende crianças e jovens da rede pública na Zona Sul de Porto Alegre.

A Aldeia da Fraternidade é uma OSC (Organização da Sociedade Civil) que engloba diversos setores pedagógicos e assistenciais para sua comunidade. Estão dentro do perímetro da Aldeia e são atendidas pela instituição:

- a) duas escolas municipais, uma infantil e outra de educação básica;
- b) Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) que opera em contraturno escolar das crianças atendidas (são diversas escolas públicas que enviam alunos) e que são atendidos por vários grupos de educadores sociais;
- c) Serviço de Atendimento às Famílias dos alunos da SCFV e das escolas básica e infantil

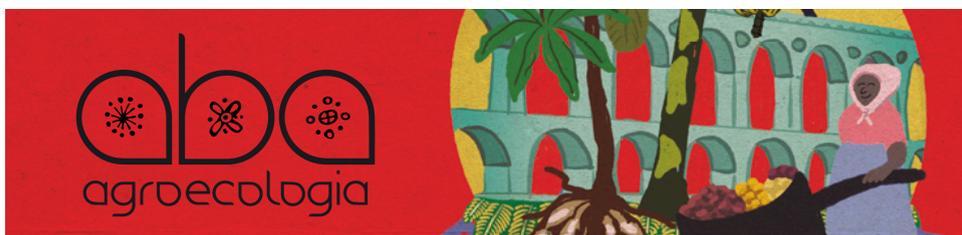


Hoje, a OSC atende 411 crianças e jovens, de 4 meses a 18 anos de idade, em turno integral ou inverso à escola matriculada, e realiza atendimento e acompanhamento de familiares e da comunidade local. A Aldeia da Fraternidade está localizada na Zona Sul de Porto Alegre, no bairro Tristeza/Camaquã, e tem terreno lindeiro com o Parque Natural do Morro do Osso, área de proteção ambiental. A horta do projeto é uma zona de transição entre os espaços verdes da instituição e a floresta que pertence ao Parque Natural do Morro do Osso. Pra qualquer lugar que olhamos, nos deparamos com a floresta. Isso cria um ambiente um pouco mais favorável para nossa experiência de agricultura urbana, pois o ambiente está em uma situação de um pouco mais de equilíbrio, comparado às hortas que são criadas no meio do asfalto, pois a fauna e flora local tem um melhor ambiente para desenvolver-se. O projeto “Educação para Sustentabilidade” realiza atividades com todos os grupos de alunos de maneira recorrente (semanal) ou pontual (em eventos específicos ou a partir de demandas das turmas e grupos de convivência).

O programa “Educação para Sustentabilidade” existe desde 2016 e é financiado por meio de editais e leis de incentivo. A atual parceria é com o CMDCA/FUNCRIANÇA (Fundo da Criança e do Adolescente). Em 2016, o programa contava com apenas dois colaboradores que trataram de começar a pensar o tema da sustentabilidade dentro da instituição. O projeto começou com atividades pedagógicas de educação ambiental para as turmas. Logo, foi contratada a primeira horticultora da escola, que cuidava da horta, plantava alimentos e fazia atividades com as crianças. Com o passar dos anos o projeto, a equipe, a horta, as áreas verdes e a diversidade de atividades com as crianças e jovens atendidos pelo projeto foi crescendo. Hoje, a equipe conta com duas horticultoras responsáveis pela horta, três educadores ambientais responsáveis pelo atendimento pedagógico, três pessoas da manutenção responsáveis pela infraestrutura e compostagem, uma cozinheira que faz a conexão entre as PANC, as nutricionistas e uma coordenadora responsável pela gestão do projeto, da equipe e se relaciona com as demais coordenações e necessidades da instituição. A Horta Agroecológica da Aldeia da Fraternidade compõe a rede de hortas urbanas e comunitárias da cidade de Porto Alegre (FAUPOA) e realiza diversas atividades com a comunidade interna e externa à instituição.

Podemos dizer que o Programa Educação para Sustentabilidade tem dois objetivos principais.

1. fomentar discussões para uma compreensão coletiva ampla em relação ao conceito de sustentabilidade, ligado à possibilidade de uma existência digna a todas as populações do planeta, por meio de uma educação ambiental crítica e emancipatória.
2. criar oportunidades de conexão entre as pessoas e a natureza, tendo o viveiro, a horta e a compostagem como principais ferramentas pedagógicas.



## **Desenvolvimento da experiência: plantas, microrganismos e seres humanos.**

### *Agricultura Urbana*

Uma das atividades principais do projeto é o de fornecer alimentos para o refeitório da escola. De maneira geral, diariamente, o refeitório serve 500 refeições. São 400 crianças atendidas e 95 colaboradores na instituição, divididos entre pessoal da cozinha, manutenção, limpeza, sustentabilidade, professores, educadores, serviço social, financeiro, comunicação, administrativo e coordenações. Toda semana, as horticultoras e a equipe da cozinha colhem os alimentos. Dependendo da sazonalidade, colhemos alface, rúcula, cebolinha, folha de batata doce, ora pro nobis, alho nirá, alho poró, agrião, berinjela, salsinha, manjeriço, alecrim, sálvia, manjerona, tomates, hortelã, capim limão, cidrozinho, beterraba, pepino, cenoura, inhame, peixinho da horta, pimentão, couves, rabanetes e levamos para o refeitório. Colhemos muitas outras variedades para fins diversos, como a colheita da mil em ramas para o preparo de chá para uma professora com cólicas, ou outras ervas que os colaboradores pedem para levar para casa para banho de ervas ou fins diversos. Realizamos uma pré-higienização dos alimentos e levamos para a equipe da cozinha higienizar e processar os alimentos para serem servidos no refeitório, de acordo com aprovação prévia do cardápio pela nutricionista. Aqui, entram os desafios da utilização de PANC no cardápio escolar, pois é necessário para a institucionalidade respaldo e comprovação científica da segurança dos alimentos, o que limita a utilização de algumas plantas reconhecidas pelo saber popular, mas sem o saber acadêmico, e cria um tensionamento e desafio para compreendermos estas barreiras coletivamente ao tratarmos de escala grande e de caráter formal.

Toda semana fazemos a coleta dos resíduos orgânicos gerados a partir do preparo dos alimentos na cozinha. Em média são  $\frac{1}{2}$  toneladas de resíduo orgânico compostado todo mês por meio da compostagem aeróbia termofílica em leiras. Utilizamos serragem doada por uma madeireira parceira para balancear a relação de Carbono e Nitrogênio (C/N) nas proporções indicadas pela literatura. Após mais ou menos três meses, o composto fica pronto e é utilizado na produção de mudas e também nos plantios. A compostagem em qualquer horta é um processo vital para a nutrição do solo. No local no qual estamos localizados é ainda mais importante pela caracterização física. Por estarmos dentro de uma reserva ambiental montanhosa, o solo que pisamos é praticamente rocha, tornando indispensável a adição de composto.

Com o composto que é peneirado e levado ao viveiro garantimos nossa autonomia em mudas saudáveis e ecológicas para a horta (sementeiras de alface, salsinha, rúcula, couve, todo tipo de hortaliças que exigem esse cuidado), mudas de temperos (manjeriço, alecrim, manjerona) e vegetais diversos que são solicitados pelos colaboradores, como plantas de proteção e limpeza espiritual e ornamentais para casa. A doação de mudas para os colaboradores possibilita uma troca única com o espaço, pois estes se envolvem e se sentem pertencentes à horta. A possibilidade de os trabalhadores poderem ter um espaço de trabalho e convivência que tenha área verde e um “pé na terra” recarrega a energia e acalma a mente. É



um refúgio sensível que escapa à urbanidade, que cria uma brecha no concreto e nos lembra de que outras maneiras de habitar a terra são possíveis.

### *Vivências Pedagógicas*

Além da produção de alimentos e composto orgânico, as vivências pedagógicas na horta são elemento central do projeto Educação para Sustentabilidade. Toda semana, são realizadas atividades com turmas de idades variadas. São algumas das atividades correntes: cuidar dos canteiros (capina, poda e rega), trilha no Morro do Osso, meditação na floresta, plantio de verduras nas sementeiras, plantio direto nos canteiros de rabanetes, espinafre, cenouras, oficinas sobre usos de plantas aromáticas e medicinais, colheita de alimentos, jardinagem e paisagismo, coleta e beneficiamento de sementes, oficinas pedagógicas sobre animais da Aldeia (lagartos, pássaros, borboletas), oficinas e vivência sobre ecologia, ciclos da água, separação do lixo, sustentabilidade, e uma infinidade de outras atividades propostas pelas crianças e pelos educadores.

O contato com diferentes princípios ecológicos como, por exemplo, o entendimento do ciclo vida-morte-vida, expressa na compostagem, e no acompanhamento das plantas desempenham um papel que vai além da produção de alimento. Acompanhar estes processos oportuniza diálogos promovidos pelos educadores com as turmas a respeito dos ciclos no âmbito emocional, fisiológico e até mesmo cognitivo.

As vivências das crianças na horta são importantes para seu desenvolvimento, mas também para o desenvolvimento da própria natureza, já que acreditamos na coevolução das espécies e dos indivíduos. Como a horta está imersa na zona verde da instituição, esse espaço educativo também se mescla com um espaço de lazer e diversão, e se entrelaça com as atividades agitadas do recreio como correr pelo espaço, jogar futebol, explorar a área, e também se mescla com as atividades calmantes de contemplação da natureza, meditação e observação dos animais que convivem com os seres humanos deste espaço. Todo dia, na hora do recreio, chegam crianças para se divertirem e “ajudar” na horta. No meio das conversas que as crianças tecem dentro da horta, poderíamos fazer um livro. Esses dias, enquanto uma dupla de meninas regava as cenouras, uma disse a outra que o pai trabalha catando latinhas. A outra disse que os avós também trabalham com isso, e que esse trabalho, nas suas palavras, “era muito importante, porque o que seria de nós sem a reciclagem?”.

Realizamos encontros de formação continuada com educadores e equipe de gestão da Aldeia (Educação Infantil, SCFV, Trabalho Educativo e Aldeia Lumiar) nas temáticas relacionadas à criança e natureza; como utilizar a horta e a compostagem como ferramenta pedagógica; ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável) e debates em relação à educação ambiental crítica e emancipatória que pensamos e queremos para nossas comunidades.



## Desafios

Poderíamos elencar dois desafios principais para experiências como a Horta Agroecológica da Aldeia da Fraternidade. Primeiro: trabalhar a agroecologia dentro de uma institucionalidade. Este desafio consideramos ser um grande desafio para o movimento agroecológico em geral. Como a agroecologia é uma ciência que vem a partir do chão, dos povos, que nos brota através da terra, toda institucionalidade que não tenha a agroecologia como base de sua governança, será um desafio. Entendemos o conceito de agroecologia englobando não apenas justiça ambiental, mas também social, econômica e cultural. Será que é mesmo possível termos estruturas grandes no meio da cidade que atenda nossos princípios ecológicos? Como fazer uma transição de uma alimentação que é baseada em doações oriundas de hortifrutis como da CEASA para a compra de alimentos oriundos da reforma agrária e de produtores ecológicos? Como pautar, em uma instituição que precisa de mais recursos financeiros, que a ecologia e a sustentabilidade nem sempre apontará para o caminho que nos traz mais renda, e sim mais desenvolvimento humano, territorial e ambiental? São estes alguns desafios que enfrentamos e estamos conseguindo desenvolver avanços.

O segundo desafio com certeza é a agricultura na cidade. Primeiro, pela qualidade do solo e do próprio ambiente em geral. Poluição do ar, da água, da terra, são todos elementos que precisamos contornar. Melhoria da terra, não depender de insumos externos, ou quando necessários, encontrar a rede de fornecimento de insumos que seja da rede agroecológica. Não temos grandes fornecedores de mudas agroecológicas em Porto Alegre, por exemplo, o que faz com que muitas hortas comprem insumos da rede convencional, fortalecendo esta cadeia e não a nossa cadeia produtiva agroecológica. Falta rede agroecológica dentro da cidade. Mas é apenas trabalhando, criando conexão, que vamos diariamente tecendo e fortalecendo nossa rede, cada um, pequeno, em seu lugar.

## Principais resultados alcançados

Temos duas dimensões para compreender os avanços que o projeto provocou na comunidade: a ambiental, a social e econômica. Em parâmetros ambientais partimos da zero distribuição de mudas, zero plantio de alimentos, zero trilhas de conscientização pela floresta para mais de 200m<sup>2</sup> de área cultivada (Figura 1); 1/2 tonelada de resíduo orgânico compostado por mês; cerca de 30 unidades de mudas distribuídas para colaboradores por mês; 100 maços de tempero, 100 unidades de alface e rúcula, e outras colheitas variadas para cozinha por mês, distribuição de kits de alimento da horta quando temos superprodução (em dezembro foram distribuídos 95 kits colheita da horta); mais de 500 unidades de mudas plantadas na horta por mês; ampliação de área de reflorestamento (de antigas áreas degradadas); cultivo de flores para aumentar polinizadores na horta. Os alimentos colhidos impactam positivamente o orçamento de compras mensais realizadas pelas



nutricionistas, além é claro da diversidade nutricional de micronutrientes em plantas como a folha-da-batata doce ou bortalha comparada com uma alface ou rúcula.

Em parâmetros sociais podemos comparar os avanços em entendimento e consciência ambiental de diversos setores da instituição, como por exemplo, o entendimento da equipe da cozinha da importância da separação correta do lixo orgânico do plásticos (para facilitar a compostagem), o avanço sobre a compreensão sobre a importância da natureza desde as crianças que recebem os atendimentos na horta em educação ambiental quanto nos adultos colaboradores e familiares; o reconhecimento da comunidade em geral da Aldeia como um espaço onde a sustentabilidade é um tema em desenvolvimento. Foram feitas muitas oficinas e cursos com a comunidade interna e externa da Aldeia sobre agroecologia, sustentabilidade e geração de renda. Toda semana, são cerca de 400 crianças atendidas pelos educadores da horta. E todo ano, são cerca de 180 adultos em formação com a equipe da horta.

### **Disseminação da experiência**

A Horta Agroecológica da Aldeia da Fraternidade faz parte da rede de hortas agroecológicas, urbanas e comunitárias da cidade de Porto Alegre. É nesta rede que encontramos pessoas e iniciativas semelhantes a nossa, e ali trocamos experiências. Recebemos muitas escolas e instituições educacionais para visitas guiadas na horta e para entender o projeto como um todo. Entendemos que nossa experiência tem mais identificação com demais hortas escolares do que hortas comunitárias, pois temos um bom investimento em pedagogia e em produção de alimentos para o refeitório da OSC. É inquantificável o impacto que uma horta e equipe focadas na agroecologia podem fazer dentro de uma institucionalidade. Transbordam as potências. Contato diário de crianças e jovens com agricultura e ecologia. Sonhamos com um sonho coletivo de que toda escola possa ter uma horta com trabalho pedagógico, e que toda comunidade pudesse plantar seu próprio alimento, ou pelo menos, ter essa oportunidade caso assim queira. É a autonomia dos povos, dos de baixo, das periferias que queremos, e ela começa ensinando para as nossas crianças que tem muita mais riqueza num metro quadrado de terra do que em dez de asfalto.